

## GILBERTO FREYRE E A SOCIOLOGIA NO BRASIL

Manoel Cabral Machado

### SOCIOLOGIA NO BRASIL ANTES DE GILBERTO FREYRE

O saber sociológico como aliás qualquer saber humano, pressupõe, normalmente, não determinismos necessários e invencíveis, mas certos condicionamentos sociais, uns ligados aos próprios fenômenos societários, outros aos seus questionamentos e também, até mesmo, às estruturas de apoio, como o reconhecimento e a admiração pública, o estímulo da consagração, além das compensações de ordem patrimonial.

O Brasil, no século XIX, como os países subdesenvolvidos, países de "status" de dependência econômica e cultural, não poderia criar um pensamento científico autônomo, por não possuir as condições sociais adequadas a essa emergência. Certo que o pensar nos homens manifesta-se ante provocações, especialmente ante situações preexistentes, lentamente elaboradas ao longo da experiência humana, resultante da ação comum, e na qual todos têm papel maior ou menor de criatividade.

No século XIX, o Brasil *recebia* o saber sociológico europeu como uma "novidade intelectual, uma forma de ilustração" no dizer de florestan Fernandes (*A Sociologia no Brasil*). Ora, para *receber* o Brasil teria de possuir as condições para *aceitar*. Muito bem afirmou Max Scheler em *A Sociologia do Saber* — que a realidade social "abre ou fecha" as comportas às correntes espirituais, tomando possível ou não a floração de certas formas do saber.

Assim, a partir no 3º quartel do novecentos, o Brasil não dispunha de condições para *criar* ou mesmo *admitir* o saber sociológico, mas o tinha para a "novidade européia filosófica ou literária". Ademais os primeiros sociólogos, inclusive na Europa, foram bifrontes — pensadores sociais e literatos — e nunca

pesquisadores sociais. Afora a Escola de Le Play, no século XIX, não havia, na Europa, um trabalho sociológico apoiado na pesquisa de campo. Inexistia, portanto, análise científica sistemática.

Por estas razões, os pensadores sociais europeus empolgam a inteligência brasileira no século XIX (e ainda hoje?). Daí Spencer e Comte serem os corifeus da época. Mais no Brasil do que na Europa, talvez, especialmente Spencer, considerado pensador menor. Os dois chegaram a ter enorme vigência aqui, até no segundo decênio do século XX. Gilberto Amado, nas suas memórias, destaca esta influência marcante e até, em Sergipe, o nosso Zózimo Lima é comtiano.

Somente com Gilberto Freyre e o seu livro chave de estréia — *Casa Grande & Senzala* — publicado em 1933, mudam os rumos da reflexão sociológica. Os fatos sociais passam, agora, a ser subordinados a padrões científicos de investigação empírica — sejam mediante a reconstrução do passado histórico com a identificação do *documento* — sejam mediante a pesquisa direta que o Work-fielding permite.

Em conseqüência, Gilberto Freyre é um marco na Sociologia do Brasil, pelos seus métodos de trabalho, pela sua interpretação do social, especialmente da realidade brasileira, nas suas raízes e nas suas projeções.

Os estudos sociais, sem caráter científico porém, vêm em seus prenúncios, desde o período colonial do Brasil. Diria ser uma pré-sociologia, constituída de informações de cronistas, padres missionários, navegantes e viajeiros europeus. E também dos nossos primeiros pensadores sociais. Tudo isto constituindo uma enorme massa de observações — tão destacada por Almir de Andrade, em obra clássica (*Formação da Sociologia Brasileira* — 1941).

No Império e na 1ª República, outros pensadores, nacionais ou estrangeiros, apontam e analisam situações sociais, interpretando relações e fatores da vida nacional. É o pensamento social condicionado, naturalmente, ao *stablishment*, uma vez que os fenômenos são examinados e interpretados na perspectiva *ex partes nobilis*. Só lentamente, o saber sociológico liberta-se do controle social, exercido pela ordem patrimonial, política ou cultural.

Até esse tempo, o pensamento social brasileiro reflete a ordem econômica — latifundiária e escravocrata — universo esse levantado por Gilberto Freyre, durante toda uma vida — e isto com ciência, engenho e arte.

Só nos fins do Império e início da República, nossos intelectuais, inspirados pelas teorias e aspirações européias, assumem consciência crítica, passando a ter presença inovadora, sempre mais ampla, na imprensa, no foro e no parlamento. Fizeram, então, a Abolição e a República — aplicando o pensamento racional a compreender a ordem econômica e social e a estrutura político-administrativa. Foi o papel de um Tavares Bastos, Perdigão Malheiros, Joaquim Nabuco e republicanos de 70; e dos positivistas como José Brandão, Teixeira Mendes — e sobretudo o papel da Escola do Recife — com Tobias Barreto e Sílvio Romero — papel eminentemente inovador.

Após as crises da República, graças aos estudos sociais, o pensamento utópico — modernizador e revolucionário — (conceito de Karl Mannheim) cria as novas condições intelectuais para a mudança da realidade. Antes, Sil-

vio Romero, contestando o mestre Tobias, divulga a nova sociologia, enquanto aprofunda pesquisas, levantando o "Brasil-Social" — razão porque, com justa razão, o sergipano do Lagarto, é considerado o fundador da Sociologia no Brasil.

Ora, a Abolição e a República, mudando bruscamente a ordem estabelecida, suscitam desequilíbrios sociais, acarretando a decadência do patriciado rural e a ascensão das cidades. Nossos pensadores sociais, utilizando conceitos e técnicas alienígenas, investigam as causas desses desajustamentos com vistas a diagnosticar os males do presente para as soluções do futuro.

Assim, Sílvio Romero discute formas políticas. Manoel Bandeira um sergipano esquecido — nunca por Tetis Nunes que o estuda em pequeno e lúcido ensaio — oferece correções aos nossos defeitos, resultantes, conforme afirma — da colonização parasitária de Portugal. Euclides da Cunha, sempre consagrado pelas gerações, influenciado por Ratzel, analisa a ambiência física, tentando descobrir o "brasileiro", enquanto aclara os choques de cultura: o litoral contra o sertão. Alberto Torres, corifeu do pensamento idealista, defende a ação política educativa adequada à situação nacional. Nina Rodrigues, arianizante, com pessimismo e incompreensão, observa o homem brasileiro sob preconceitos da ciência etnocentrista dos povos brancos. Ainda, Oliveira Viana, tão combatido hoje pelo pensamento utópico, inicia, como depõe Florestan Fernandes: "um novo estilo de estudo sociológico".

Cabe, porém, a Gilberto Freyre, com *Casa Grande & Senzala* (1933) a inovação revolucionária dos estudos sociais, porquanto, na verdade, é nosso primeiro sociólogo com formação científica. É certo que, na República, aparecem os primeiros estudos teóricos de Sociologia, de Sílvio Romero (1901) — *Ensaio Sociológico*, Florentino Meneses (1912 — outro sergipano esquecido), Pontes de Miranda (1926), Soriano de Souza, Delgado de Carvalho (1931) e outros. Ainda, as reformas educacionais, exigidas pela nova civilização urbana, introduzem a Sociologia nos currículos das escolas de nível médio e superior (Colégio Pedro II—1926), Escola Livre de Sociologia de S. Paulo (1933) e Faculdade de Filosofia do Rio.

Como visto, até 1933, até a publicação de *Casa Grande & Senzala*, era incipiente o estudo sistemático da Sociologia no Brasil. Mesmo porque, nessa época, o saber sociológico é considerado perigoso, eis que os pensadores sociais são tidos como reformadores ou revolucionários comunistas.

## GILBERTO FREYRE: O JOVEM AUTOR

Mais um leão do Norte, agora puramente intelectual. Nasceu, no início do século, no Recife, numa família tradicional, com vínculos profundos na zona açucareira. Rebelde e estudioso do que fosse do seu sabor, desde o primário, conheceu professores e línguas estrangeiras. Pôde, cedo, comunicar-se em inglês e francês e assim, aos 16 anos, lê *Pilgrim's Progress* de Bunyan e também Eça, Renan. E ainda, Tolstói que o impressiona com seu cristianismo fraternal. No Colégio Americano do Recife, estuda Kant, iniciando atividade jornalística no

*Diário de Pernambuco.* Ao concluir humanidades, converteu-se ao protestantismo. Em 1918, em tempos perigosos de guerra, no navio *Curvelo*, viaja para os Estados Unidos, pretendendo ser missionário e estudar ciências sociais nas universidades americanas. Seu desejo, contudo, fora estudar na Europa, no momento em final da guerra.

Na América, o cristão-novo choca-se, de logo, em Nova York, com a vivência religiosa protestante, e sente a necessidade de recristianizar a Reforma. Em 1919, cursa a provinciana universidade de Baylor, em Waco, Texas. Enquanto aprofunda seus conhecimentos em ciências sociais, fez estudos literários, estimulado pelo Prof. Armstrong e é considerado "*genious*" pelos colegas. Despreocupado da "*doutorice*" brasileira lê tudo o que lhe interessa e se aproxima dos intelectuais americanos.

Em 1920, o bacharel de Bailor, fez pós-graduação na universalista Universidade de Colúmbia, como seu "*scholarship*", freqüentando as aulas dos grandes mestres, *Seligman* (Economia), *Giddings* (Sociologia), *Franz Boas* (Antropologia), *Dewey* (Filosofia) e outros, sendo contemporâneo de Benedict, Herskovits e Margareth Mead. Conhece, também, e fez amizade com poetas e críticos, da *New Poetry*, como Harriot Mouro e Edwin Markham e da "*New Criticism*", como Butler Yeats, Vachel Lindsay, sendo amigo de Amy Lowell.

Nesse tempo, descobre o poeta místico Walter Pater e o ensaísta George Santayna, retornando ao catolicismo, como acentua em seu *Diário Tempo Morto e outros Tempos* — tão louvado por Antônio Carlos Villaça — em *Literatura e Vida*.

Em 1921, de férias, vai a Washington, onde estreita relações com seu padrinho de formatura no ginásio — Oliveira Lima — o grande historiador do 19 Império, e faz pesquisa na imensa biblioteca brasileira do seu amigo embaixador.

Por todo esse tempo, Gilberto estuda muito autores ingleses e franceses, e escreve para o *Diário de Pernambuco* divulgando as "*novidades*". Sentindo o peso da cultura inglesa, resolve, em 1922, mergulhar para respirar no mundo hispânico, aproximando-se da geração de Pio Baroja. Titulado pela Colúmbia, no grau de "*master*", com uma tese "*Social life in Brazil the middle of the 19th Century*", viaja em 1922 para a Europa, a fim de continuar estudos. Conhece Paris, ouve Maurras e Sorel e se aproxima de alguns dos nossos modernistas, como Tarsila, Brecheret e Oswald de Andrade. Percebe a inautenticidade dos primeiros passos do movimento modernista, meras assimilações das vanguardas européias. Ainda viaja pela Alemanha e visita Londres, ouvindo depois conferências em Oxford.

Contrariando alguns mestres de Colúmbia e seu amigo Oliveira Lima que insistira na sua presença no estrangeiro, dizendo-lhe: "*Seus pulmões precisam de outro ar para respirar*", Gilberto objeta: "*Isto nunca, meu dever é voltar*".

Retorna, à terra mãe. Antes, em 1923, vê Portugal. Descobre suas raízes e se aproxima do historiador João Lúcio de Azevedo e do Conde de Sabugosa. Volta ao Brasil, após cinco anos. Saira do Recife adolescente quase, agora ao chegar é homem feito, vivido e retemperado em terra distante e alheia. Está faminto das coisas e da gente do Brasil. Choca-o, porém, o imenso contraste. Ante a paisagem do mundo desenvolvido, tem nos olhos, agora, o seu país imenso e

pobre, com defeitos e qualidades. O jovem sociólogo não se mostra contudo desolado. Vê com amor a sua terra e a sua gente, porque, apesar do aprendizado estrangeiro, não é um desraizado. Tudo lhe estimula a atividade criativa. Defende a necessidade de uma revolução política e cultural. Revolução não contra os valores tradicionais, mas no sentido desses valores culturais e que exprimem nossa singularidade e nossa autenticidade.

Com a ciência e os métodos americanos e a sensibilidade de filho que retorna à casa paterna, Gilberto tudo observa, sente, compreende e anota. Percebe pessoas e bichos, costumes e vida familiar, objetos e construções. Faz "field work" (trabalho de campo) pelos engenhos, senzalas, mocambos, igrejas e capelas, nas cidades e campos. Frequenta vida boêmia, inclusive para melhor se aperceber das classes mais humildes, os negros e mulatos dos candoblés, protubulos e pontas de rua. Pontifica também entre intelectuais, como jornalista do *Diário de Pernambuco*, orientando alguns, como Lins do Rego e Jorge de Lima. Ataca modernistas e passadistas — uns pela falsidade estética, outros pelo imobilismo rotineiro. Do mesmo modo, é combatido por todos os fogos, acusado de "um estranho, um exótico, um meteco, um desajustado, um estrangeiro" (*Tempo Morto e outros Tempos*). — É que Gilberto Freyre, em 1924 e 1925, — diz Wilson Martins — em sua monumental *História da Inteligência Brasileira* (vol VI) — ao chegar ao Brasil quer ser mais modernista e nacionalista do que os jovens vanguardistas de São Paulo. Também, na *Revista do Norte* e no *Diário de Pernambuco* denuncia o verbalismo nacional — herança de Rui (Rui Barbosa), enquanto aclama os valores nordestinos.

Em 1925, organiza o livro do 1º Centenário do *Diário de Pernambuco* e depois o Congresso Regionalista, reunido no Recife, quando apresentara um Manifesto Regionalista, apontando rumos certos para um modernismo autêntico. Joaquim Inojosa, um modernista da 1ª hora, em *O carro alegórico* nega a existência desse manifesto.

Urge — afirma — modernizar o Brasil, sem descaracterizá-lo. Criar escolas superiores de ciências exatas e ciências humanas, tudo com vistas à pesquisa científica e literária. A sociologia, para muitos, assumia sinais suspeitos. Gilberto pois aprofunda estudos brasileiros, descobrindo as curiosidades do passado. Sofrendo crise metafísica, devora os místicos espanhóis — Teresa d'Ávila, Luís de Leon — enquanto também consome os grandes romancistas europeus — Joice, Daudet, Proust, Henry James e outros.

Em 1926, participa da política e da administração como chefe de gabinete, do Governador Estácio de Coimbra, quando abre as portas do palácio aos contactos com a pobreza pernambucana. Neste ano, faz a 1ª viagem ao Rio e tecendo amizade com Manuel Bandeira, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e outros. Indo a São Paulo que lhe parece "feia e forte", aproxima-se de seus intelectuais, modernistas ou passadistas. Ainda, retornando a Washington, participa de um Congresso Pan-Americano de Imprensa, pronunciando discurso de abertura. Tornando ao Rio, é hóspede de Manoel Bandeira e, chegando ao Recife, ensina Sociologia na Escola Normal.

Está a ler Rilke, quando eclode a Revolução de 1930 e com seu governador apeado do poder, foge para a Bahia. Dirá, depois, no prefácio de *Casa-Gran-*

*de & Senzala*: "Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia, depois a Portugal com escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e preocupações que este ensaio reflete".

Está em Lisboa, porém em fevereiro de 1931, quando aceita o convite da Universidade de Stanford, na Califórnia, para ser um dos seus "visiting professors". Na América continua as anotações para o seu próximo ensaio — *Casa-Grande & Senzala* — utilizando a brasileira, organizada pelo Prof. Branner. — Após a missão docente, segue para Nova York, por caminho novo, atravessando os Estados áridos do Novo México, Arizona e Texas — e depois o "deep South" — isto é a Louisiana, Alabama, Mississipi, as Carolinas e Virgínia. Compara as regiões áridas e o litoral úmido, tanto da América como as do Nordeste Brasileiro. Ao vivo, coteja as semelhanças e diferenças — a cultura, os tipos raciais, o sistema patriarcal de produção, a monocultura e a escravidão. Muitas destas observações fazem as raízes de *Casa-Grande & Senzala*.

Se antes, por influência de Franz Boas, tanto se preocupara com a miscigenação brasileira e seus questionamentos, agora, indiferente a preconceitos arianistas, distingue na carne a diferença entre tempo físico e tempo histórico, entre raça e cultura — matriz fundamental de *Casa-Grande & Senzala*. — Descobre o valor do "índio" e do "negro", do "mulato" e do "português" na formação nacional em zona dos trópicos. Pesa, compara e valora os efeitos genéticos, as influências culturais e a presença da ambiência física.

Desde a sua viagem à Europa, começara a trabalhar o seu grande ensaio sociológico. Com a anistia, em 1931, regressando ao Brasil, instala-se no Rio de Janeiro, onde redige, definitivamente, *Casa-Grande & Senzala* concluindo-o, no Recife, quando em 1933, envia os originais ao seu editor no Rio — *Maia e Schmidt*, vindo à luz nesse mesmo ano de 1933, o seu monumental ensaio até hoje único.

## CASA-GRANDE & SENZALA COMO CONTRIBUTO ESSENCIAL À COMPREENSÃO DO BRASIL

Escrito em cinco longos capítulos, arrimados em imensa bibliografia, contendo ainda a novidade dos índices por matéria e autores, além das gravuras, *Casa-Grande & Senzala* é notável ensaio sociológico, perquirindo a formação e a vida do *Brasil Agrário*, do século XVII ao XVIII, desnovelando, assim, nossa sociedade antiga, ao mesmo tempo escravocrata e híbrida. É, pois, obra fundamental à compreensão do Brasil, como D. Quixote o é ao conhecimento da Espanha.

*Casa-Grande & Senzala*, com nova linguagem literária para a expressão científica, rompe com os preceitos estabelecidos (preconceitos) e valora o papel do português colonizador, bem ainda destaca a presença do índio e do negro, na formação do Brasil. Constata, sem envergonhar-se, ou invalidá-la, a existência de uma nação mestiça, racial e culturalmente, e que se caracteriza por um siste-

ma aberto de comunicação humana. Assim, uma ordem típica de produção econômica, montada na monocultura latifundiária e escravocrata, fixou um regime semi-feudal com senhores e escravos senhores poderosos e polígamos, inclusive sem preconceitos sexuais frente à mulher de cor, e escravos mais inclinados a processos culturais de acomodação do que a processos de conflito.

Ora, inexistindo, de início, na Colônia, mulheres brancas, o colono conquistador se entumece frente à mulher disponível. A cunhã e depois a negra escrava traziam a figuração maravilhosa da *moura* morena que a imaginação ibérica tanto fantasiara. A miscigenação, segundo Gilberto Freyre, força transigências e ajustamentos sociais. Portanto, o português, predador de índios e predador d'África, amorteceu seus ímpetos genéticos com a mulher de cor, corrigindo assim no leito as distâncias sociais entre senhores e escravos, democratizando o Brasil desde os seus começos, até porque esses ímpetos não poderiam esperar os raros e limitados *navios das noivas*.

Por tudo isto, acrescenta Gilberto em *Casa-Grande*, frente ao poder absoluto do branco, senhor de terras e de escravos, ao invés de opor-se o cativo negro, numa luta de classe aberta e frontal, inclusive com rebeliões ou fugas permanentes, verificam-se as acomodações raciais e religiosas com o *melting pot* e o sincretismo cultural, havendo até assimilações — com os latifúndios sendo divididos entre os filhos mulatos e, em muitos casos, até legitimados ou reconhecidos.

*Casa-Grande* ainda aborda os efeitos da monocultura no comportamento alimentar da Colônia, comprometendo a saúde do brasileiro, como ademais na instabilidade econômica face à sujeição e dependência absoluta da nossa economia açucareira ao mercado europeu. O Brasil Colônia, ante esta economia reflexa, vivia numa "fome crônica", em ciclos de fastígio ou pobreza da classe dominante. Daí, concluir Gilberto — a fragilidade da nossa gente, observada por viajantes europeus, provém da pobreza alimentar e não da inferioridade racial.

Deste modo, a formação da família patriarcal, com defeitos e virtudes, deve-se mais à monocultura latifundiária e ao regime de escravidão, do que aos condicionamentos de raça e de religião. A família patriarcal, confirma *Casa-Grande & Senzala*, foi a unidade colonizadora, construindo nos trópicos uma nova civilização — diversa da européia e da africana. Criou, pois, um tipo especial de vida, de costumes, de produção e de habitação, com uma expressão física — a *casa-grande e a senzala* — como uma unidade social autônoma, inclusive frente à autoridade incipiente das vilas dos primeiros séculos coloniais, quando, ainda, Portugal não possuía a *longa manus*.

A Igreja, representada pela capela privada dos engenhos e pelo padre capelão, geralmente o tio-padre, o segundo filho homem do *pater família*, por esses motivos de natureza doméstica, está submissa à Casa-Grande. Casa sólida, construída de pedra e cal, a cavaleiro da paisagem, domina a senzala de taipa e telhas, e, no chão mais baixo, com chaminé branca, agachado, o engenho de almanjarra ou roda d'água fabricando açúcar e cachaça.

A *Casa-Grande & Senzala*, como módulo social, abriga não só os vivos, mas os mortos, pois os antepassados, como penatse, ou santos protetores, guardados nos jazigos das capelas, ou representados nas pinturas das salas da casa-grande, tutelam a grande família.

A *Casa-Grande & Senzala* — diz Gilberto — representa um sistema social, econômico e político (monocultura latifundiária), um regime de trabalho (a escravidão), um meio de transporte (o cavalo de sela, de carga, o carro de boi, a liteira e a rede), uma religião (o catolicismo de família com tio capelão e santos padrinhos), uma vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo) e até uma política (o compadrismo e a “*república*” como “*res nostra*”).

Em conseqüência, a Casa-Grande, fortaleza no século XVI e solar senhorial no século XVIII, ostenta a família patriarcal, antes conquistadora, agora, poderosa, social e economicamente, abrindo as portas amplas e a mesa cheia e farta para hospedar, com afável cordialidade, não só parentes e amigos, como pessoas importantes recomendadas.

A Casa-Grande, como expressão do senhor patriarcal, domina a capela, a senzala, o engenho, as terras de plantação e de pastagens, com suas pessoas, bichos e aves, pois sobre todos impera o patriarca, opondo-se às vilas ou a estas sujeitando, eis que senhor dos vivos e dos mortos, machos ou fêmeas, homens e animais, não importa se esposa, filhos, padre-capelão, parentes pobres e aderentes ou escravos. Daí, confirmar Gilberto: “Vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a Colônia quase sozinho. O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos”.

Ainda, a família patriarcal toda poderosa na vida contínua assim até na morte, com seus defuntos sepultados, em casa, na capela do engenho, ou figurados nas pinturas e retratos de parede, os seus cachos de cabelo conservados como relíquia, ou com suas jóias e enfeites, distribuídos em família e exibidos nas missas, novenas e atos religiosos.

Ampla para acomodar todos, a casa-grande, acrescenta Gilberto, é até banco, guardando escondida, nos cofres ou enterrada, a ourama dos familiares, e estes, depois de mortos, voltam nas assombrações, oferecendo botijas, contendo as jóias ocultas e não sabidas.

O mestre de Apipucos destaca e valoriza o papel do português colonizador, antes um aventureiro e comerciante, e logo depois o estabilizador, montando um sistema de organização social, graças, principalmente, ao homem de cor, macho ou fêmea, o que permitiu, constituir, no mundo, uma nova civilização tropical, como nenhum outro povo europeu. Uma sociedade permanente, estruturada na família patriarcal e latifundiária. Um tipo de nação de costumes simples, de cozinha gorda e de estratificação social de hierarquia semi rígida, tudo sob a sujeição ao senhor de engenho orgulhoso e polígamo.

“A história social da Casa-Grande — escreve Gilberto, é a história íntima de quase todo brasileiro: de sua vida doméstica conjugal sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; de sua vida de menino, do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas credices de Senzala”. Eis, porque Gilberto não se refere à nossa história oficial, naturalmente político-militar. Cuida só da vida da família, inclusive da sua moral, seus vícios e pecados, abordando temas considerados sujos na época — as relações sexuais normais e anormais. Aborda ainda os choques de interesse na família e suas acomodações nos casamentos entre primos e tios, nas partilhas amigáveis, tudo fixado em papéis de cartório, assuntos de família e ainda nas informações de viajantes estrangeiros.

Reconstruindo com levantamentos o passado histórico brasileiro — com saudosismos dizem uns, ou reencontrando-se acrescentam outros — Gilberto à Proust, numa “recherche du temps perdu” ou, à Pedro Nava — como aponta, hoje, José Guilherme Melquior — Gilberto serviu-se de todas as informações possíveis — orais ou escritas —, desde o folclore e os depoimentos de antigos, até os documentos oficiais ou privados, jornais, romances de costumes, pinturas e retratos, móveis e construções.

*Casa-Grande & Senzala* é, pois, um ensaio admirável de história social e de antropologia social. Ensaio revelando conclusões encobertas e sugerindo muitos caminhos de investigação e de análise. Ensaio continuado no tríplice clássico: — *Casa-Grande & Senzala* — *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso* e desdobrado em mais de cem ensaios outros, escritos por Gilberto Freyre, em longa e luminosa vida. Sempre perspectivas e interpretações novas, graças a sua visão cultural, ao mesmo tempo regionalista e universalista. Capaz de, como já afirmei em outro passo, “ver e rever, interver e transver e até metaver os fatos — homens e coisas — na riqueza de todas as dimensões e sentidos, liberto de sistemas, de exclusivismos metodológicos e de ideologias, tudo isto para poder ser livre no dizer, no que dizer e no como dizer, soltando-se espontâneo e pleno, na sua linguagem fluida que lhe deixa bailar em graça e leveza, mesmo ao ferir os temas científicos crus”.

*Casa-Grande & Senzala* — é marco inicial e nunca superado dos estudos sociais, abordando numa visão realista e não idealista, toda a historiografia social do Brasil. Marco também inicial de toda a fecunda atividade cultural de Gilberto Freyre, realmente sem par no Brasil, apesar das atuais incompreensões e restrições da sociologia da nova esquerda, também com a mentalidade colonizada à cultura alienígena, nos seus últimos modismos e denunciada inclusive por Florestan Fernandes: “Eu acompanhei várias ondas: vi como Lukacs foi substituído por Sartre; Sartre por Goldmann, depois Althusser, e agora Althusser está indo para as cucuias”.

## AINDA CASA-GRANDE & SENZALA

Só na sua 5ª edição (1946), *Casa-Grande & Senzala* aparece com um título geral: — *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil* — pretendendo, assim, delimitar a matéria abordada ou fixar seu ângulo de pertinência. A obra não foi alterada, na sua estrutura, permanecendo o mesmo esquema: um prefácio enorme, esclarecendo-lhe o sentido, e os cinco longos capítulos. Escrita num período cultural do Brasil, sobretudo literário (o cientista tem o dever de escrever bem), *Casa-Grande & Senzala* é modelo de um novo estilo. Estilo ágil e envolvente, ajustando-se aos gêneros literários da ficção ou da exposição. A frase musical, a imagística inesperada e original e, sobretudo, a linguagem clássica ou coloquial servem ao autor conforme deseje exprimir-se com beleza, habilidade ou graça. Assim, Gilberto Freyre, reconstrói o passado brasileiro com objetividade e, de modo expressionista ou impressionista, segundo queira tocar e envolver o leitor com suas qualidades artísticas.

Realmente, Gilberto é um escritor torturado. Um escritor literário como se nomeia e assim sofre por exprimir-se, perseguindo a linguagem encantatória. Disse posteriormente: "O sociólogo, o antropólogo, o historiador, o cientista social, o possível pensador são em mim ancilares do escritor. Se bom ou mal escritor é outro assunto": (*Como e porque sou e não sou sociólogo* — p. 165).

*Casa-Grande & Senzala*, como trabalho científico, vincula-se à Sociologia Brasileira, de modo fundamental, sendo, ademais, obra literária incomum. Como *Os Sertões* de Euclides da Cunha, está integrada, desengenadamente, à História da Literatura do Brasil, no gênero ensaio (ensaio?), como "um grande painel histórico-social" (*Um livro completa meio século* — Nery da Fonseca — p. 44).

Se, no longo prefácio, Gilberto Freyre revela, em síntese, o sentido da obra, os cinco capítulos são puros desdobramentos, até os detalhes. Assim, creio que o prefácio é um esquema já agora recheado e os cinco capítulos foram os seus desenvolvimentos, ao invés de o prefácio ser posterior à elaboração da obra. Será esta uma questão despicienda?

Aspecto notável de *Casa-Grande & Senzala* é o material de fundamentação. As fontes de pesquisas utilizadas jamais foram, empregadas no Brasil. Fontes orais ou escritas tais como: — depoimentos pessoais, material de cartório e familiar, anúncios e artigos da imprensa, fotografias, iconografias, e partituras musicais — tudo o que permite ou possibilite a reconstrução do passado perdido. Diria em levantamento da memória coletiva e que somente pudera ser realizado com amor e paciência, para a compreensão perfeita (o saber sociológico não é um saber de observação feito, mas de objetividade e de compreensão também).

Logo, no 1º capítulo de *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto estuda o colonizador português. O português como "povo indefinido entre a Europa e a África", o que o predispõe para "a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos". Destaca as dificuldades terríveis a vencer, inclusive o clima quente e inseguro com suas formas perniciosas de vida, no mundo vegetal e animal, e que são inimigas de toda ação criativa, rebatendo, inclusive, Capistrano de Abreu, com sua visão paradisíaca do Brasil Colônia — considerando-o "un pays de cocagne". "Coisa nenhuma" — recrimina Gilberto. A colonização mostrou-se tormentosa, obrigando o português a promover equilíbrios e acomodar antagonismos difíceis.

No capítulo II, *Casa-Grande* aborda o indígena e sua presença na formação cultural do Brasil, graças, especialmente, à mulher silvícola que se entregava a conquistadores supondo-os deuses. Daí afirmar Gilberto que: "O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual". Por estas razões o jesuíta denunciava a devassidão dos colonos. Em conseqüência, a Índia permitiu a procriação dos mamelucos — os agentes principais utilizados pelo português na denominação da terra — como ordenam os costumes domésticos, incorporando à cultura nacional — alimentos, remédios e práticas de higiene. — À cunhã, diz Gilberto, se deve o melhor da cultura indígena. O índio, elemento de movimento, serviu para a conquista do "sertão", nos ciclos econômicos do ouro e do gado, e, ainda, nas artes da guerra, contra o estrangeiro inimigo ou mesmo tribos adversárias.

Ainda, no capítulo III, *Casa-Grande* retorna ao tema do português, explicando-lhe o caráter, sem as exaltações apologéticas dos lusófilos, e sem as amar-

gas restrições, tão comuns aos lusófonos, os ressentidos da Colônia contra a Metrópole, e que só vêm defeitos nos lusitanos. Procurando a análise justa, Gilberto acentua as qualidades do conquistador, especialmente o caráter contemporizador do português, sem a rudeza opressiva do espanhol ou a dureza álgida do inglês, distante e sem misturas. O português, ao contrário, transaciona, sempre que pode, querendo subjugar sem resistências, somente esmagando quando não alcança seus objetivos, e isto mesmo amaciando-se na miscigenação. Com tais contemporizações, o português quer agir nas suas relações com a Igreja, representada pelas autoridades eclesiásticas e, ainda, com o Estado Português, inicialmente distante e insensível, mas depois presente e agressivo com seus agentes públicos (funcionários), mais das vezes corruptos e violentos. Assim, não houve no Brasil, nem clericalismo, nem anticlericalismos.

Os últimos capítulos (49 e 59) tratam do problema do negro. Destaque-se a originalidade desta abordagem. Antes, quase sempre, o negro era negado e a presença negra, na nossa gente e no nosso *ethos*, estava obscurecida ou desvalorizada, tal a existência de preconceitos e estereótipos da Sociologia e da Etnologia dos brancos europeus, tais como Oliveira Viana ou Nina Rodrigues. Gilberto retoma a posição de Sílvio Romero, afirmando e valorando a natureza mestiça do povo brasileiro, racial e culturalmente, e de modo especial graças à influência negra da cor, nos costumes alegres, na fala doce, na cosinha saborosa, na música envolvente, no geito acomodaticio, enfim em tudo, no Brasil, está presente o negro, o amaciador dos trópicos, se homem suportando com força e resistência o peso do trabalho duro, especialmente na agricultura, na mineração e nos transportes, se mulher servindo nas casas grandes, como cosinheira, mucama, mãe preta, moleca de brinquedo, de recado ou de experiências sexuais, ou servindo nas senzalas, produzindo, criando escravos ou filhos ilegítimos dos brancos, seus senhores. Para os atuais partidários da "negritude", Gilberto é acusado de escrever estes fatos com saudosismos e espírito do dominador branco. Na verdade, a abordagem gilbertiana é simplesmente elaborada com *empatia* para a compreensão perfeita da realidade social brasileira. Após cinquenta anos de publicada, *Casa-Grande & Senzala* continua obra fundamental na Sociologia e na Literatura do Brasil, pela originalidade da abordagem do tema — a sociedade patriarcal brasileira — e por sua linguagem literária, sobremodo encantatória.

### CASA-GRANDE & SENZALA: 50 ANOS DE FORTUNA CRÍTICA

Em 1933, conforme esperada, vem à luz, a primeira obra do jovem escritor pernambucano, Gilberto Freyre, autor como disse João Ribeiro "só conhecido na roda íntima dos seus admiradores". E, publicada *Casa-Grande & Senzala*, o polígrafo laranjeirense sentenciou estar "diante de nós um pernambucano da estatura de Joaquim Nabuco" (*Ciência & Trópico* vol. 8 p. 9). Recebeu, assim, a consagração da crítica mais respeitável do Rio de Janeiro.

O aplauso geral provinha, evidentemente, de críticos literários, até porque, ao tempo, não possuíamos, realmente, Sociologia. Duvidava-se até de sua natureza científica, e homens como João Ribeiro, com larga erudição, repetiam

vagas alusões de que a ciência social era uma simples palavra, como por blague escrevera Tobias Barreto. Daí, ao louvar Gilberto, em artigo do *Jornal do Brasil*, João Ribeiro escreveu, em 1934: "A Sociologia, de fato, não é ciência, e como tal não existe; mas os sociólogos existem, não há dúvida. São poetas da erudição e sabem engenhar com arte e, às vezes, com suprema arte, suas conjecturas e hipóteses. O livro de Gilberto Freyre pertence a essa poderosa poesia e profunda metafísica que nos deleita e nos levanta acima da vulgaridade dos fatos (*Ciência & Trópico* — vol. 8).

João Ribeiro, portanto, consagrou, de imediato, o autor de *Casa-Grande & Senzala*, mas não a Sociologia. É que, ao tempo, esta ciência social engatinhava. Assim, Gilberto não poderia ser louvado por sociólogos, mas por críticos literários. A primeira crítica a *Casa-Grande* foi escrita por José Lins do Rego, amigo de Gilberto, em Pernambuco, e que, após a leitura do trabalho, ainda em manuscrito, profetizou: "*A obra que Capistrano não quis concluir é esta que Gilberto Freyre vai começar*" (*Boletim de Ariel* — 33. Nov. — apud Nery da Fonseca).

Como visto, *Casa-Grande* provocou duas repercussões: uma, no mundo literário e outra, na ciência social, especialmente, acarretando uma revolução cultural. Realmente, houve uma mudança nos nossos hábitos mentais. A Sociologia passa a ser uma especialidade científica. Ademais, as Faculdades Superiores criadas (Escola Livre de Sociologia e Política de S. Paulo 1933, Universidade de S. Paulo 1934, Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro 1934) dão ênfase aos estudos sociais. Por força inclusive da revolução gilbertiana, a Sociologia no Brasil ganha padrões científicos, graças também à presença de professores estrangeiros — franceses, alemães e americanos — mediante cursos regulares de adiestramento ou cursos de especialização. São estes professores estrangeiros e também alguns brasileiros, os responsáveis pela formação da nossa primeira geração de especialistas em ciências sociais. Desses professores destacam-se: — J. Lambert, Roger Bastide, Lévy Strauss, Donald Pierson, Emílio Willams, H. Baldus e outros além dos brasileiros Fernando de Azevedo, Carneiro Leão, Delgado de Carvalho e outros.

Ora, com as Faculdades Superiores, surgem nossos sociólogos de carreira. É a primeira geração de especialistas em estudos sociais, tais como: — Florestan Fernandes, Egor Schadem, Manoel Diègues, Darcy Ribeiro, René Ribeiro, Antônio Cândido, Tales de Azevedo, Luís Costa Pinto, Guerreiro Ramos e outros.

A trilha, sobremodo aberta por Gilberto Freyre e especialmente com os novos problemas resultantes da mudança social operada pelas Revoluções de 1930 e 1932, acarretou as obras notáveis de Caio Prado Júnior, Artur Ramos, Djacir Meneses e outros.

É, porém, a primeira geração de sociólogos, principalmente os das universidades paulistas, que começa a objetar Gilberto Freyre, isto a partir de 1955, quando outros rumos aparecem à imaginação sociológica.

Desde, entretanto, 1934, *Casa-Grande* é considerada matriz inicial dos estudos sociais no Brasil, sob o aspecto científico. Literariamente também, Gilberto cresceu à categoria do primeiro plano, Nabuco e Euclides, apagando os sociólogos valorados anteriormente, como Oliveira Viana e outros. Elogiam-no pelas idéias, métodos de análise, e estilo.

A crítica literária consagra-o, de logo, com as manifestações de *João Ribeiro*, já vistas, do polemista terrível *Agripino Grieco* (*Gente Nova do Brasil* — p. 206), do antropólogo consagrado *Roquette Pinto* (*Boletim de Ariel* nº 5 — apud Nery da Fonseca) e do jovem (na época) *Afonso Arinos de Melo Franco* (apud Nery da Fonseca) que somente lhe recrimina a linguagem, e de Otávio Tarquínio de Souza.

Ao tempo, enquanto o pensamento reformista louvava Gilberto, o conformismo ideológico o combatia. Destaco alguns críticos consultados que o elogiam: *Tristão de Atayde* (Quadro Sintético da Literatura Brasileira p. 84) *Roberto Alvim Correia* (Anteu e a Crítica p. 196, O Mito de Prometeu p. 149) *Rosário Fusco* (Vida Literária p. 174) *Wilson Martins* (Interpretações p. 298, História da Inteligência — vários volumes) *Álvaro Lins* (Jornal de Crítica vol. 2) *Manoel Anselmo* (Família Literária Luso-Brasileira p. 133) *Olívio Montenegro* (O Romance Brasileiro p. 10) *Antônio Cândido* (Formação de Literatura Brasileira fls. 293 v. 2) *Sérgio Milliet* (Diário Crítico vol. 1,5) *Afrânio Coutinho* (História da Literatura do Brasil vol. V e VI).

Destes autores citados, transcrevo alguns trechos de Astrojildo Pereira, na época, nosso principal crítico marxista: *Casa-Grande & Senzala* aconteceu em 1933 como algo explosivo, de insólito e de realmente novo, a romper anos e anos de rotina e chão batido. Suas novidades principais serviam a um livro de ciências escrito numa linguagem literária de timbre inusitado, uma linguagem atrevidamente nova, mas muito nossa, um livro que dava categoria literária a muita palavra vulgar; e sobretudo um livro que tomava por protagonista central não os heróis oficiais, mas a massa anônima”.

Transcrevo também Álvaro Lins, “*Jornal de Crítica*” vol II, em 1941 considerado um dos nossos melhores críticos literários: O Sr. Gilberto Freyre, depois de *Casa-Grande*, tornou-se “um nome que não só se eleva aos demais nos nossos dias, como se antecipa historicamente numa colocação natural ao lado de certas figuras isoladas do passado, como Joaquim Nabuco e Euclides da Cunha”. E adianta: “O que se escreveu e o que se está escrevendo sobre o Sr. G. F. tem um caráter não só provisório, mas superficial e incompleto. Este escritor tem conquistado muitos comentários, mas não encontrou, ainda, o crítico que espera. Um crítico tanto no sentido da interpretação como do julgamento”.

Visto como escritor, nesses cinquenta anos, Gilberto permanece consagrado pela crítica literária, e *Casa-Grande* a partir de 1943, em 4ª edição, considerada definitiva e integrando a *Coleção Documentos Brasileiros*, da José Olímpio Editora, tornou-se obra clássica, louvada por críticos nacionais e estrangeiros e com edição em várias línguas, podendo afirmar-se que até hoje, nenhum escritor brasileiro recebera no exterior tanta louvação, não só nos meios universitários, como no mundo intelectual.

Analisando-se a crítica literária atual, os melhores críticos modernos, independente de ideologia, confirmam o louvor a *Casa-Grande & Senzala* e a Gilberto Freyre. Assim, Haroldo Bruno, em *Novos Estudos de Literatura Brasileira*, apreciando o ritmo da frase gilbertiana, escreveu: “Tomadas as circunstâncias, pode-se afirmar que *Casa-Grande & Senzala* constitui um monumento literário

de maior ressonância ainda que *Os Sertões*, do ponto de vista, duma língua e duma visão estranhamente nacionais" (p. 23).

José Guilherme Merquior, em *Formalismo e Tradição Moderna*, (1974) afirma ser Gilberto um dos maiores pensadores modernistas, em sua "sociologia saudosista". "inspirando um regionalismo". Em *A Natureza do Processo* (1982) refere-se à lúcida história cultural de Gilberto Freyre. Em *As Idéias e as Formas* — (1981) critica a obra gilbertiana, na casa-grande dos 80, apontando-lhe os elementos formadores — regionalismo, tradicionalismo e hispanismo. Considera-o o mais completo Anti-Rui Barbosa por combater, inclusive, o idealismo burguês, abrindo o seu tempo ao freudismo e ao materialismo histórico. Ainda, em *O Argumento Liberal* (1983), José Guilherme, estudando o ensaísmo de interpretação nacional na América Latina, com lucidez, aponta o papel fundamental de *Casa-Grande & Senzala* na compreensão nacional. Antes era o ufanismo à Afonso Celso ou o pessimismo de ressentidos pelas "três raças tristes" de Bilac. Ou o Brasil inerte, indolente, incapaz, Brasil-Jaburu, na imagem de Capistrano de Abreu. Gilberto, afirma José Guilherme — rompe com esse pessimismo. Frente à antítese iberismo x americanismo, ao contrário do nosso Manuel Bomfim e outros, o autor de *Casa-Grande* "legitimou a herança peninsular, enquanto valorava as decisivas peculiaridades de sua aclimatação tropical". Ainda, segundo Merquior, Gilberto usou "a relação entre a autognose nacional e as ideologias sub-românticas (marxismo e psicanálise) de maneira fecundante, fazendo do tríptico, iniciado com *Casa-Grande & Senzala*, uma empresa mais espontaneamente materialista da historiografia ocidental, e não obstante, totalmente despido de observâncias dogmáticas do materialismo histórico e do cânon freudiano". E conclui o jovem crítico: "Gilberto Freyre foi quem assumiu, na história da latino-americanologia nativa, a relação edipiana, superando a fase das relações complexadas do nosso passado patriarcal". E mais: "Gilberto, bem o sabemos, foi quem nos reconciliou com as nossas origens ibéricas e patriarcais. Estilizando-as, sem dúvida, mas sem, no essencial, idealizá-las". E por fim, (vale transcrever a longa citação): "Um dos grandes resultados dessa serena catarse operada por Gilberto Freyre, face à nossa herança histórica, foi a tranqüila reformulação do nosso vínculo, tanto com o berço ocidental, quanto com o outro Terceiro Mundo" (p. 230).

Podemos, pois, afirmar, sem contestações, que, depois de *Casa-Grande & Senzala* e estudos posteriores, Gilberto modificou nossas categorias mentais. Fez-nos assumir nossa condição de povo mestiço, sem complexos, ressentimentos e pessimismos. Passamos, assim, a crescer por dentro de nós mesmos. Aceitamos nossa auto-imagem. Não a do Brasil-jaburu ou Brasil-tapir, mas Brasil-povo com uma enorme vocação para um grande destino político-cultural. Brasil-nação, humanamente igual às outras, mas racial e culturalmente diferente, eis que estamos, apesar das limitações estruturais e conjunturais de povo pobre, porque proflero e explorado, estamos a realizar nos trópicos a maior experiência de civilização. Na nossa fatal morenidade racial e miscigenação cultural também, mais integrante e assimilador do que a China, absorvemos a carne e o espírito de brancos, negros e indígenas, sem vanglórias brancóides nem complexos de negritude e de indigenatos.

*Casa-Grande & Senzala*, nesses 50 anos de vida, não foi somente elogiada por críticos literários. Na época de sua publicação, recebeu a consagração dos nossos poucos sociólogos, pela presença criadora. Destaco: — Carneiro Leão em *Panorama Sociológico do Brasil* (p. 17), Pinto Ferreira em *Panorama da Sociologia Brasileira* (p. 25), Delgado de Carvalho em *Introdução Metodológica aos Estudos Sociais* (p. 56), Fernando de Azevedo em *A Cultura Brasileira* (p. 27 etc), Dourado Gusmão em *Introdução à Sociologia* (p. 150) e outros.

Quando do 25º aniversário de *Casa-Grande & Senzala*, Fernando de Azevedo publicou um magnífico ensaio sobre *Gilberto Freyre e a Cultura Brasileira*, significando a contribuição original que o livro ofereceu, como "obra de antropólogo e de artista ao mesmo tempo" (*Máscaras e Retratos* p. 190).

Como vimos, após 1955, os novos sociólogos, muitos com formação marxista, costumam censurar a obra de Gilberto Freyre, ora negando-lhe o valor científico, ora contrapondo-se às suas teses. Não é mais a louvação plena, mas a crítica restritiva. Embora Florestan Fernandes, o mais importante sociólogo da chamada Escola Paulista de Sociologia, faça-lhe o justo encômio, em *A Sociologia do Brasil*, outros como Octávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Nelson Werneck Sodré e o historiador José Honório Rodrigues contestam muitas teses de Gilberto Freyre, mais com espírito de ideologia, do que com análise científica. Guerreiro Ramos chega a chamá-lo de "Franz Boas' boy".

A nova esquerda, em última vaga, é mais radical e agressiva, e não perdoa a Gilberto a sua apologia à solução racial brasileira, à "feliz morenização". As patrulhas ideológicas denuncia-o como *conservador*. Assim, Vanilda Paiva, em *Oliveira Viana — nacionalismo ou racismo*, vê um Gilberto contraditório, pois enquanto defende a teoria da igualdade de raças, exalta as virtudes do colonizador português; Dante Moreira Leite, em *O Caráter Nacional Brasileiro*, muito radical, descobre uma visão racista de Gilberto, quando valoriza os traços mestiços do povo brasileiro, catalogando estas posições como "detadas" e "anacrônicas". Dênis de Mendonça ao criticar *A República das Usinas*, de Gardiel Perruci, lamenta que, durante décadas, as investigações sobre o Nordeste ficassem presas à obra de Gilberto — "obra valiosa, mas pelos compromissos com a manutenção do passado, pelo saudosismo paralisador e por limitações metodológicas tem impedido o surgimento de uma ciência social mais atual e que dê conta de forma mais radical da formação da região nordestina" (*Encontros nº 1*). E finalmente, como último exemplo, extremo do radicalismo, Beatriz Nascimento, marcando Gilberto como descendente de escravocratas, vê sua obra como uma "fantasia" uma obra "puramente literária".

Darcy Ribeiro, todavia, homem de esquerda, em *Ensaios Insólitos* junta-se ao coro de louvor a Gilberto: *Casa-Grande & Senzala é o maior dos livros brasileiros e o mais brasileiro dos ensaios que escrevemos*. E adianta: "uma façanha da cultura brasileira". Livro "generoso, tolerante, forte e belo" (p. 63).

Engraçado o rumo dos acontecimentos. Ontem, há 50 anos, Gilberto, combatido pela Direita, era denunciado pela influência marxista, pelo amoralismo e pela linguagem tida por erótica e pornográfica. Em Pernambuco, publicada "Casa-Grande & Senzala", fizeram passeatas de protesto. Hoje, é a nova esquerda que o combate por suas teses e posições doutrinárias, principalmente após 1964,

em face das atitudes de Gilberto, vistas como direitistas e retrógradas.

Ora, os marxistas mais dogmáticos vivem sua verdade, exigindo que os fatos expostos confirmem seus esquemas teóricos. Se a realidade social não é vista sob esta luz, significa a manipulação dos fatos, uma escamoteação da vida social. Assim, negam Gilberto por acentuar o processo de acomodação e não a luta de classes nas relações entre senhor e escravos. Seria também falsidade certa brandura brasileira nas relações de produção e ainda a existência de veículos senhoriais de reciprocidade de direitos e deveres nas interações entre senhor e escravo.

Não sou um gilbertólogo, como Moacir Souto Maior ou Edson Nery da Fonseca ou um estudioso da obra gilbertiana do quilate de Francisco de Assis Barbosa ou Osmar Pimentel. Leio-o, porém, desde 1937, e, na difícil Província, acompanho, como posso, a produção do sábio de Apipucos.

Ao concluir este esboço de ensaio, transcrevo página escrita, há três anos, saudando, pela Universidade Federal de Sergipe, o autor de *Casa-Grande & Senzala*, por ser talvez o maior escritor literário do Brasil, na segunda metade do século XX. Com mais de 60 anos de atividade intelectual Gilberto "está sempre a renovar-se fiel porém às suas raízes e cosmovisões, eis que possui o toque mágico para revelar virtualidades abertas ou subjacentes. Muitos podem, em crítica superficial, apontar-lhe contradições e aligeiramentos de observações ou escamoteamentos de realidades. Esquecem, entretanto, que os fatos, como vistos, não são firmes e únicos ou guardam faces uniformes, quando, para o observador, os fatos, na verdade, mudam ou transmudam sob os ângulos diversos de verificação e de análise".

"Gilberto não é, ademais, mero cientista social, mas sobretudo artista e dispõe, como artista, de poderes mágicos para apanhar a realidade presente e passada, em todos os seus sentidos, e recriá-la, prodigiosamente autêntica, sem deformações ou escamotagem, eis que como George Santayana possui uma concepção poética da verdade e, como Proust, vê sempre o presente, mesmo a disolver-se no passado. Passado sempre vivo, portanto".

E concluindo: "O segredo fundamental de sua força, repito, vem do seu amor ao Brasil e ao seu povo, sem que deixe de ser o universalista, ou o regionalista homem dos trópicos. Como árvore, crava as raízes na terra materna e viva, que lhe dá o sangue vitalizador e rejuvenescedor. Glória, pois ao octogenário sábio pela sua lucidez viril e feminina ao mesmo tempo, pela sua linguagem lúdica e encantatória, pela sua comunicabilidade com homens, bichos e coisas, pela sua criatividade inesgotável numa obra que se desdobra e transborda em conclusões, sugestões, inquições, inquietações e aparentes contradições".